

Economia

Brasil

O país dos sonhos de Sarney

Ao empossar anteontem seu novo ministro do Planejamento, o presidente da República reportou-se à conversa que mantivera com o chefe de Estado português, sr. Mário Soares, a respeito da crise brasileira, que, segundo frisou, permite ao País ostentar a mais expressiva taxa de crescimento em todo o mundo, majorar em 20% os salários em termos reais, registrar, após o Japão e a República Federal da Alemanha, o maior superávit da balança comercial e, finalmente, colher este ano a mais abundante safra de toda a sua história.

Diante dessa lisonjeira caracterização da economia nacional, torna-se difícil explicar o vento de pessimismo que ora varre o País. Aliás, não se pode entender que, à vista desse desempenho, as entidades de classe estejam reclamando do governo a definição de um novo programa econômico. Entende-se que o otimismo do presidente da República possa ter objetivos políticos, uma vez que não cabe ao primeiro magistrado da Nação disseminar o pessimismo, mas há limites que ele não deve ultrapassar, sob pena de criar uma situação bastante embaraçosa. O presidente Sarney parece ter ido além dos limites. É possível que chegue a acreditar no que diz, mas, nesse caso, o fato seria bem mais grave.

Lembramo-nos, a propósito, de que o ministro Dilson Funaro havia prometido ao País uma taxa de crescimento japonesa e uma inflação suíça. A promessa não foi cumprida, pois a inflação na Suíça foi zero por cento, ao passo que a inflação nacional, a despeito das manipulações dos índices, foi superior a 60%; quanto ao crescimento, o do Brasil foi mais de três vezes e meio superior ao do Japão, sendo este, certamente, o resultado que alimenta o otimismo do presidente.

Conseguir, em um ano, um crescimento de 8,2% é a coisa mais fácil do mundo, conforme o mostrou o governo da Nova República: basta conceder aos salários uma majoração real de 20%, congelar os preços e aumentar em mais de 300% os meios de pagamento... Difícil, porém, é atinar com a razão por que outros países não adotam a receita brasileira...

É evidente, entretanto, que o resultado que se obtém num ano tem de ser pago, a preço muito alto, no ano seguinte. Assim, em lugar de neutralizar a crise de hoje com o crescimento de ontem, o presidente da República deveria releer as notas que tomou durante a reunião que manteve com os empresários no fim de semana, para dar-se conta de que o sonho acabou e que se delineia presentemente uma recessão que irá acentuar-se nos próximos meses. O

País enfrenta agora a hora da verdade, em que os reajustes salariais que não correspondem a aumento real da produtividade começam a provocar majoração dos preços e escassez das mercadorias.

Nesta hora difícil, o presidente da República vangloria-se do saldo da balança comercial. Deveria, em primeiro lugar, pedir a seus assessores que atualizem as estatísticas. Se o fizesse, verificaria que, no ano passado, o Brasil ficou atrás de Taiwan no tocante ao superávit da balança comercial. Em segundo lugar, deveria tomar consciência de que neste exercício o País está ameaçado de acusar um saldo muito inferior ao previsto, de 8,5 bilhões de dólares, que, chegando talvez a cinco bilhões, encontraria vários países em situação bem melhor. O fato inegável é que se depara uma séria crise cambial, que a atitude de confronto assumida por nosso governo concorreu para agravar. O fato de se ter ainda um superávit em 1987 deve-se antes às dificuldades da importação do que à capacidade nacional de gerar divisas.

Resta a safra, a mais abundante de nossa história. Trata-se de um fato iniludível. Mas, antes de gabar um resultado que se deve antes à benevolência de São Pedro do que à política agrária, dever-se-ia distinguir entre a safra colhida e a que chegará

aos consumidores, uma vez que a falta de armazéns acarretará perda substancial. O presidente deveria perguntar-se se esta safra superabundante de hoje não será seguida, no próximo ano, por outra, muito inferior, decorrente de uma política que a revolta dos produtores hoje estigmatiza.

O Brasil é hoje um país em crise — moral, financeira e econômica. A crise origina-se dos erros cometidos no ano passado, ano que, aos olhos do presidente Sarney, marcou notável progresso. Poderíamos concordar com ele somente quanto ao fato de encontrar-se a crise, principalmente, nas pessoas. Mas ele bem poderia ter notado que foram as pessoas que conduziram a política econômica que provocaram esta crise.

A formação eclética do presidente-acadêmico José Sarney parece ter sido influenciada profundamente pelos escritos de Thomas Morus ("A Utopia") e Campanella ("A Cidade do Sol"), que certamente perlestrou munido dos óculos do doutor Pangloss. Graças a isso, consegue ele vislumbrar tonalidades róseas num quadro em que quase todos só enxergam sombras que se adensam dia a dia, prenunciando a mais negra escuridão. Questão de óptica, dirão alguns, fantasia criada por invencível otimismo, dizemos nós e os fatos.